

Dez segundos

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Um dia, satisfeito com a jornada, incluindo o trabalho realizado, a perspectiva para o dia seguinte, o devaneio imaginativo e, inclusive, a festa da memória que lhe levou à infância para contemplar o poente ourificado e apaziguador, você sai de sua casa com o seu carro.

Você quer um subterfúgio para exercer o desconfinamento social, afinal você – e o mundo inteiro – vivem a experiência da pandemia. Você quer sair porque deseja contemplar, ver o movimento da paisagem, perscrutar cenas comuns da cidade, o bêbado risonho, o trabalhador encurvado, a moça de nariz euclidiano, a senhora boa-que-só.

Você vai à *Lan House* gravar algumas músicas. O seu trajeto – da sua casa à *Lan House* – é feliz como andorinhas em enamoramento. Por um minuto você teoriza: a rua é feliz no entardecer, a volta dos trabalhadores para as suas casas, depois da jornada de trabalho, é a vitória do afeto sobre a alienação.

Você grava as músicas, escolhidas em proporcionalidade ao seu espírito, nem *rock* pauleira, nem valsa vienense. Alguma coisa romântica, um sonzaço que vai repercutir na longa viagem de sua memória. Com este sonzaço o seu cérebro se encherá de céus e jardins. Uma viagem a Liverpool.

Ouvindo as músicas você abraçará o seu amigo John e, quem sabe, terá um olhar romântico para proceder os encontros. Viver é encontrar – sim!

Quase entrando no portão de sua casa, num raio surpreendente como um relâmpago desavisado, você escuta um barulho explosivo. Você sabe o que procedeu: aquele barulho cheira à morte.

Uma mulher, rosto curtido pelo sol, negra, está estendida no asfalto.

A moto dessa trabalhadora, estilizada, bateu contra o seu carro.

De repente, chegam pessoas, mais pessoas, mais pessoas. Uma tragédia sob o holofote de espíritos afobados.

Você pede a si muita calma, embora o coração e os nervos apertam: é torcer para a senhora não falecer.

Uma pessoa liga para o SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, outra para o bombeiro, alguém diz “*ela está viva*”. Alguém lhe ameaça com voz ferina; outro lhe ameaça com os dedos em riste.

A mulher está mudando de cor, o sangue escorre no asfalto impassível da metrópole.

Você não quer ver, mas precisa. Você está no centro de uma tormenta.

As ameaças continuam, o vozerio popular se estende. O SAMU e os bombeiros não chegam; as ameaças das pessoas, algumas carniceiras, não cessam; o sangue da mulher escorre no asfalto quente....

Chegam mais pessoas, mais ameaças fazem a você, o alvo de mil tiros verbais.

Alguém lhe diz baixinho: “*cuidado, podem lhe linchar*”.

Você está triste pelo futuro da trabalhadora negra estendida no chão,

porque a violência circula no aro profundo do povo brasileiro,

porque você não tem como demonstrar amor na tormenta.

Porque a cidade é habitada de tragédias, surpresas, violências.

Você engole seco o ar do momento. Pede água.

Você suspira frio. A interjeição lhe vem pronta: tudo muda na vida em dez segundos!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.